SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

O ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO DO PROFESSOR NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

THE TEACHER'S PEDAGOGICAL FOLLOW-UP ON LEARNING DIFFICULTIES

Aline Camilo Luiz[1]

Cibele da Silva Lucion[2]

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre como o professor/pedagogo acompanha os alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem em sala de aula e suas implicações no contexto escolar. A escola é o local onde as dificuldades são acentuadas e facilmente identificadas, pois é nesse ambiente que a criança tem contato com os objetos do conhecimento (leitura, escrita, cálculos e raciocínio lógico matemático), além de ser o lugar onde a criança fortalece vínculos. Para dar conta desta finalidade, foi necessário um estudo teórico sobre o conceito das dificuldades de aprendizagem e suas causas, o papel do professor e as metodologias utilizadas por eles. Nesse sentido, o referencial teórico foi fundamentado com base em autores (as); como Vigotsky (1999), Saravali (2003), Fontana e Cruz (1997), Smith e Strick (2001) entre outros. Realizou-se juntamente uma pesquisa de campo qualitativa, tendo como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada. A pesquisa foi realizada com seis professoras do 1º ano ao 5º ano do Ensino Fundamental. Logo após, foi realizada a análise dos dados coletados, que permitiu conhecer melhor quais as concepções das professoras a respeito das dificuldades de aprendizagem. Constatou-se que elas pouco conhecem sobre o assunto, pois em suas falas observou-se que a grande maioria associou as dificuldades de aprendizagens, unicamente, a fatores ligados ao mal comportamento da criança ou à falta do acompanhamento da família.

PALAVRAS CHAVE: Dificuldade de aprendizagem. Papel do professor. Metodologia de ensino.

ABSTRACT: This article aims to discuss how the teacher accompanies the students, who present difficulties in the classroom and their implications in the school context. Since school is the place where these difficulties are accentuated and easily identified, it is in this environment that the child has contact with the objects of knowledge (reading, writing, calculations and logical reasoning). In addition to being, the place where the child strengthens bonds. To account for this purpose, a theoretical study was needed on the concept of learning difficulties and their causes, the role of the teacher and the methodologies used by them. In this sense, the theoretical reference was based on authors (as); such as Vigotski (1999),

[1] Acadêmica do curso de Pedagogia – UNESC. E-mail: alinecamilogeracao12@hotmail.com.
[2] Orientadora Mestre em Educação e docente da UNESC/Criciúma – SC. E-mail: cibelelucion@unesc.net

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

Saravali (2003), Fontana and Cruz (1997), Smith and Strick (2001) among others. A qualitative field research was carried out together, having as a research instrument the semi-structured interview. The research was carried out with six teachers from the 1st year to the 5th year of elementary school. Afterwards, the analysis of the collected data was carried out, which allowed to know better the teachers' conceptions regarding the learning difficulties. It was observed that they do not know much about the subject, in their statements it was observed that the great majority associated learning difficulties, only to factors related to the child's misbehavior or lack of family support.

KEYWORDS: Difficulty in learning. Role of the teacher. Teaching methodology.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão surgiu a partir das discussões feitas nas disciplinas de "psicologia do desenvolvimento" e "psicologia da aprendizagem", do respectivo curso, pois despertou o interesse em compreender como os professores do ensino fundamental de Sombrio/SC identificam as dificuldades de aprendizagem apresentadas em sala, bem como acontece o acompanhamento pedagógico desses alunos. Para Fernández (1991), aprendizagem é um processo que está associado entre duas pessoas, ou seja, o que aprende e o que ensina, por isso é fundamental que exista uma conexão entre os dois. Neste caso, professor/aluno ou aluno/professor, pois os dois estão em constante aprendizagem. Por essa razão, a pesquisa tem como intuito analisar o papel do professor no acompanhamento das dificuldades de aprendizagem das crianças em sala de aula.

Nesse sentido, entende-se que o papel do professor é de extrema importância no processo da construção do conhecimento e desenvolvimento da criança, enquanto sujeito em formação. Identificar as diferentes origens e causas que fazem com que o aluno "não aprenda" é o princípio fundamental para que o professor estabeleça metodologias diversificadas, que contemplem uma aprendizagem significativa. Além disso, é importante também que o profissional utilize novos critérios para avaliar esse mesmo aluno, já que o fracasso escolar não está associado somente às dificuldades individuais, mas, no sistema de ensino, que por vezes é mal estruturado e fragilizado, com uso de práticas que não dão condições para que o aluno vença seus desafios.

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

Diante disso, a pesquisa tem por objetivo geral analisar qual o papel pedagógico do professor no acompanhamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos do ensino fundamental da rede pública de ensino de Sombrio/SC. A escolha do tema originou-se por conhecer a realidade dessa escola e constatar que os professores enfrentam desafios no acompanhamento individualizado dos alunos com baixo rendimento escolar.

Para dar conta desta finalidade, tem-se como objetivos específicos: diferenciar dificuldades de aprendizagem, distúrbio e deficiência intelectual; Compreender quais as metodologias de ensino utilizadas com alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem; investigar os maiores desafios dos professores no processo de ensino aprendizagem das crianças com dificuldades; apontar como os professores identificam as dificuldades de aprendizagem dos alunos; verificar se os professores recebem formação continuada para trabalhar com crianças que possuem dificuldade de aprendizagem; identificar os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem nas respectivas salas de aula das professoras pesquisadas e quais são suas especificidades.

Este estudo teve como problema de pesquisa: qual o papel pedagógico do professor no acompanhamento de crianças com dificuldade de aprendizagem? Para respondê-lo, utilizou-se uma pesquisa de campo e qualitativa, a qual possibilitou a devida coleta de dados e levantamento de informações sobre tais práticas em sala de aula. Também foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre a temática.

Como visto, a abordagem desse tema é um assunto relevante e está em constante discussão nas literaturas, como também na realidade escolar. Por esse motivo, acredita-se que a pesquisa contribua na formação dos alunos e professores do curso de pedagogia, assim como dos profissionais docentes, que estão inseridos na rede de educação básica de ensino. A análise de dados permitirá a reflexão sobre a visão dos professores do município de Sombrio/ SC, com relação às dificuldades de aprendizagem em sala de aula.

2 CONCEPÇÕES HISTÓRICAS DE APRENDIZAGEM E O PAPEL DO PROFESSOR

Entende-se a aprendizagem como a apropriação dos conhecimentos, pois requer uma interação de saberes e de sujeitos, seja individual ou social, sendo que cada pessoa tem uma forma de aprender e utiliza estratégias diferentes para isso. A partir dessa reflexão, estudiosos buscaram compreender como funcionava o desenvolvimento da inteligência e o processo da aprendizagem dos indivíduos. Portanto, algumas correntes teóricas foram criadas para entender o funcionamento dessas relações e, com o passar dos anos e, ainda hoje, essas teorias orientam os métodos de ensino e influenciam fortemente o trabalho pedagógico.

Fontana e Cruz (1997) apontam algumas dessas vertentes teóricas. Uma delas é a abordagem inatista-maturacionista estudada por Binet e Gesell. Para esses pesquisadores, os fatores internos (fatores genéticos e hereditários, por exemplo) determinam a inteligência, ou seja, aquilo que a criança aprende ao longo de sua vida, não interfere no processo de desenvolvimento, pois o conhecimento surge no próprio indivíduo. Além disso, os mesmos pesquisadores desenvolveram testes para descobrir o que as crianças eram capazes de fazer em cada idade, descobrindo, então, que cada criança passa pelo processo de maturação, correspondendo às mudanças comuns de cada uma delas.

Segundo Fontana e Cruz (1997), a função da escola nessa perspectiva é "cultivar" o indivíduo, oferecendo propostas de acordo com a idade que o aluno se encontra e que são capazes de desenvolver. Sendo assim, na abordagem inatista-maturacionista, o papel do professor é apenas transmitir o conhecimento e avaliar o aluno, identificando se ele tem ou não condições intelectuais para seguir o curso normal da escolaridade.

Outra concepção que teve e ainda tem relevância no cotidiano escolar é a abordagem comportamentalista, tendo como pesquisadores Watson e Skinner. Os estudos de Fontana e Cruz (1997) destacam dois pontos fundamentais da tese defendida por eles. O primeiro é a importância de os fatores externos determinarem o comportamento dos indivíduos. O segundo ponto é a relação entre estímulo e resposta. A intenção de seus estudos era verificar a aprendizagem do indivíduo e o comportamento aprendido por ele a partir da ação do ambiente. Segundo Skinner (apud FONTANA, CRUZ, 1997), para ensinar é necessário planejar e organizar.

Nesse sentido, as autoras enfatizam a contribuição dessa abordagem no âmbito escolar, auxiliando no planejamento de ensino com propostas e objetivos que contemplassem

a organização das atividades e os métodos reforçadores (notas, pontos positivos, elogios, prêmios, etc.). O professor nessa concepção possui um papel muito forte, seu objetivo é oferecer recursos para que o aluno aprenda, seja por meio de memorização, reprodução ou repetições. Por exercer o papel ativo em sala, os métodos reforçadores são usados continuadamente pelo professor. Em consequência, a aprendizagem nesta abordagem é mecânica e sem reflexão crítica.

Outra abordagem que se contrapõe as duas concepções destacadas anteriormente é a abordagem piagetiana, tendo Piaget como colaborador e o principal estudioso que mais se preocupou com o problema da aprendizagem. Desse modo, o pesquisador desenvolveu um estudo com o propósito de explicar como os sujeitos passam de um conhecimento restrito para um conhecimento amplo. Um dos seus principais temas de estudo foi entender como acontece o desenvolvimento do conhecimento.

Nessa lógica, a abordagem piagetiana acredita que o desenvolvimento antecede a aprendizagem. Por isso, Piaget estudou cada estágio de desenvolvimento da criança, dando ênfase na relação do sujeito com o objeto, pois para ele o pensamento da criança se desenvolve à medida em que ela utiliza materiais concretos para elaborar o pensamento.

De acordo com Fontana e Cruz (1997), a prática pedagógica nessa concepção, destaca o papel ativo da criança no próprio processo de elaboração do conhecimento. E a escola tem a função de oferecer oportunidades ao aluno para atuar sobre os objetos do conhecimento. Dessa forma, a abordagem piagetiana identifica o professor como aquele que desafia a criança a pensar e elaborar hipótese. Nesse caso, ele assume a condição de colaborador, questionando e dando voz a criança no processo de reconstrução do conhecimento.

Atualmente a teoria norteadora das Escolas Públicas Estaduais, é a abordagem histórico-cultural, que está referenciada na Proposta Curricular de Santa Catarina, tendo como principal expoente L. S. Vygotsky. Diante disso, pode-se dizer que tal teoria seja a mais presente nos documentos oficiais, uma vez que tais registros defendem e problematizam a formação integral do sujeito (SANTA CATARINA, 2014). Preocupado com a formação do ser humano, L. S. Vygotsky realizou pesquisas constatando que "[...] diferentemente das outras espécies, o homem, pelo trabalho, transforma o meio produzindo cultura."

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

(FONTANA; CRUZ, 1997, p. 58).

A partir desse entendimento, os estudos de Vygotsky indicados por Fontana e Cruz (1997) compreendem que a criança ao nascer já é inserida em um ambiente de interação com os adultos. A relação com o outro faz com que a criança se aproprie de conhecimentos socialmente construídos. Segundo Fontana e Cruz (1997, p. 61), "a abordagem histórico-cultural considera que toda função psicológica se desenvolve em dois planos: primeiro, no da relação entre indivíduos e, depois, no próprio indivíduo." Essas interações entre o indivíduo e o meio social é o processo que alavanca a aprendizagem. Vigotsky (2000) considera que a criança já produz conhecimento, ou seja, conforme aprende também se desenvolve. Para o autor, aprendizagem e desenvolvimento são processos que caminham juntos, contrariando o pensamento de Piaget, quando diz que desenvolvimento antecede a aprendizagem.

Tendo por base a abordagem histórico-cultural, a proposta pedagógica do professor deve partir dos conhecimentos já adquirido pelo aluno. O professor será o mediador da aprendizagem, oferecendo condições para que ele amplie seus conceitos, tornando os conhecimentos empíricos em conhecimentos científicos. Além disso, "[...] a função dos profissionais que atuam na Educação Básica é organizar/planejar as atividades orientadoras de ensino de modo que as interações e os processos de mediação cumpram com a função que lhes cabe em meio às sociedades contemporâneas." (SANTA CATARINA, 2014, p. 34).

Assim sendo, a função social da escola é formar o cidadão para que possa intervir e colaborar com a sociedade. A escola nessa concepção deve romper com os modelos ultrapassados e tradicionais, tendo como objetivo primordial a mediação entre aluno, professor e conhecimento para uma prática satisfatória, visando à formação integral do sujeito.

3. DIFERENÇA ENTRE DISTÚRBIOS, DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Constatou-se, anteriormente, que ao longo dos tempos pesquisas voltadas para entender o processo do desenvolvimento humano e as capacidades de aprendizagem foram fundamentais para nortear uma proposta pedagógica eficaz. Considerando o tema principal do

presente estudo, é necessário que se conheça também os problemas pelos quais os alunos não atingem os objetivos planejados e as expectativas do professor em sala de aula. Primeiramente, discutir-se-á quais são os distúrbios de aprendizagem existentes na escola, após o que é deficiência intelectual e, na sequência, o que são dificuldades de aprendizagem.

Para Semkiv e Silva (2013), distúrbios de aprendizagem é o termo geral utilizado para um grupo heterogêneo de transtornos, gerados pela falta de aquisição e uso da escrita, fala, leitura, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estão inclusos no quadro de distúrbios a disfasia. Segundo Lucena (2009), disfasia é um transtorno decorrente da falha na aquisição da linguagem, porque a criança apresenta dificuldade de expressão, não elaborando frases, somente as partes finais das palavras.

Outro distúrbio que também afeta a aprendizagem é a dislexia. Rodrigues e Ciasca (2016) definem dislexia como transtorno específico de aprendizagem, uma das características desse distúrbio é a dificuldade na aquisição da leitura, podendo variar entre a incapacidade total da leitura ou a leitura normal, mas silabada. A disgrafia também está relacionada a um problema na aprendizagem e está ligada à incapacidade da criança em produzir a escrita (DOMINGOS, 2007).

A autora citada anteriormente entende a discalculia como a grande dificuldade do aluno em compreender o mecanismo do cálculo e a solução dos problemas. Entretanto, considera esse distúrbio um caso raro. Um outro distúrbio relacionado aos problemas de aprendizagem em sala de aula é o Déficit de Atenção com ou sem hiperatividade, suas implicações são a dificuldade de atenção, impulsividade e agressividade, que é mais comum nos casos associados à hiperatividade.

Já a deficiência intelectual, ou na área mental para Pereira (2013), este caso, possui maior complexidade, pois necessita de diagnósticos médicos e psicológicos para avaliar o nível da deficiência, podendo variar entre leve, moderado, grave, severo e profundo. Esse quadro é caracterizado, segundo Sousa (2011), por um problema no funcionamento intelectual, afetando o comportamento, saúde e habilidades cognitivas. Em alguns casos, estão acompanhados de síndromes como, por exemplo, a Síndrome de Down, entre outras (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

Nesse sentido, Tedde (2012) diz que uma criança ou adulto recebe o diagnóstico da D.I[3], quando apresentam falhas na questão cognitiva ou adaptativa, inclusive a autora acrescenta, que se a pessoa apresentar incapacidade somente em umas das questões não se considera como D.I. Portanto, crianças que são diagnosticadas com algum distúrbio de aprendizagem ou deficiência intelectual necessitam de acompanhamento pedagógico, atenção e adequações curriculares. Além disso, é preciso ter um olhar específico para esse aluno, visando suas capacidades e não somente suas limitações.

Os apontamentos dos tópicos anteriores nos mostram uma gama de problemas de aprendizagem, sendo eles causados por alguma lesão cerebral. Identificou-se que, para esses problemas, é necessário um diagnóstico médico e intervenção de profissionais para auxiliar o sujeito a avançar em suas dificuldades.

Contudo, discutir-se-á a seguir as dificuldades de aprendizagem encontradas em sala de aula, cujo aluno não apresenta laudo médico e nem mesmo problemas aparentes na fala, físicos ou motores, mas encontram dificuldades tanto quanto os portadores de D.I ou de algum Distúrbio. Para Saravali (2003, p. 37), os estudos a esse respeito ainda são confusos, pois, "[...] o termo traz consigo uma série de atributos que acabam ampliando o seu campo de definição. Assim, observa-se que a definição de Dificuldades de Aprendizagem pode variar de país para país e de autor para autor."

Na busca dessa definição, Smith e Strick (2001) enfatizam que os portadores de DA[4] não obtêm sucesso escolar por diversas razões, no entanto não possuem deficiência mental ou distúrbio. Diante disso, os motivos pelos quais as crianças "não aprendem" pode estar vinculado a problemas emocionais, metodológicos ou socioculturais. Nesse sentido, Fernandez (1991) afirma que as dificuldades de aprendizagens estão relacionadas a fatores externos do indivíduo e eles não possuem rebaixamento das funções cognitivas.

Por outro lado, Saravali (2003) diz que o indivíduo com DA não assume um papel ativo na sua aprendizagem, apresentando déficits na execução das tarefas. Nesse caso, esses sujeitos precisam de uma atenção especial, tendo em vista que os ambientes pelos quais essas crianças frequentam podem afetar o desenvolvimento e o potencial da aprendizagem. Smith e

[3] A sigla D.I corresponde as Deficiência Intelectual.
[4] A sigla D.A corresponde as Dificuldades de Aprendizagem.

Strick (2001) dão o exemplo das crianças que foram privadas de um ambiente estimulante nos primeiros anos: nutrição, higiene, saúde e sono podem desenvolver problemas que interferem no seu aprendizado.

As autoras citadas anteriormente compreendem que "cuidados parentais de qualidade tornam cidadãos felizes e independentes, mesmo quando a saúde ao nascer e as oportunidades educacionais são notavelmente fracas." (SMITH; STRICK, 2001, p. 17). Porém, mudanças em casa e no sistema educacional da criança ajudam a melhorar o problema de aprendizagem. Caso contrário, a escola define aqueles que são aptos e identifica aqueles que não são e, assim, surgem os rótulos de dificuldades de aprendizagem (BEZERRA, 2014).

Ao compreender, a aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade, entende-se que as relações sociais e emocionais fazem parte desse processo. Por isso, quando essas questões não estão bem formuladas, podem desencadear problemas na aprendizagem. Tendo como base os estudos realizados sobre essa problemática, percebe-se a influência da cultura no desenvolvimento cognitivo e o papel das emoções nas interações com o meio social. Conforme Oliveira (2010, p. 85), "o cérebro é um sistema aberto e está em constante interação com o meio e que transforma suas estruturas e mecanismo de funcionamento ao logo desse processo de interação."

Nesse sentido, não se pode pensar no cérebro como algo fechado e com funções pré-definidas, as emoções e interações darão sentido à ação dele e a construção das relações humanas. Nessa perspectiva, o sujeito não é constituído apenas cognitivamente, mas emocionalmente. Na opinião de Fonseca (1995), a criança com dificuldade de aprendizagem que apresenta problemas emocionais, manifesta sinais de regressões, oposições e negativismo.

Além disso, essas dificuldades podem inclusive ser intensificadas em sentimento de culpa, por baixo rendimento da criança. Segundo Vigotsky (1999), é necessário conhecer como cada criança se desenvolve, levar em conta as peculiaridades desse processo e principalmente conhecê-la, além da dificuldade que ela possa apresentar. Desse modo, será possível propor possibilidades e meios que contemplem a aprendizagem do sujeito, visando sua formação completa, como sujeito social e individual, que por meio de suas ações podem transformar o meio em que vivem.

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

4 MEDIAÇÃO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA JUNTO ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS

No decorrer da pesquisa, é possível perceber que tanto o aluno quanto o professor exercem um papel ativo na aprendizagem. Nas diversas correntes teóricas já explicadas no primeiro capítulo desse estudo, nota-se que, na maioria delas, o professor assume o papel de destaque, como aquele que transmite conhecimento, exceto na abordagem histórico-cultural que define o professor como mediador da aprendizagem.

É nessa perspectiva, que se pretende discorrer o papel do professor nesta sessão. Vigotsky (1999) caracteriza o professor como mediador da aprendizagem e o aluno como aquele que aprende por meio das interações sociais. "É na sua relação com o outro que a criança vai se apropriando das significações socialmente construídas." (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 61). Ao interagir em sala de aula, o aluno constrói significados por meio dos objetos de conhecimento conforme Piaget afirma (1999), no entanto, Oliveira (1995) defende não ser o suficiente, pois é necessário a mediação de um adulto no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, o papel do professor como mediador da aprendizagem é romper com o problema da mera transmissão de conteúdo. Para Vigotsky (1999), o profissional mediador precisa dar condições para que o aluno aprenda de maneira significativa. Sua função é acompanhar a criança, orientar, organizar os conteúdos de modo que os conhecimentos já adquiridos por eles tornem-se também em fundamentos científicos, ou seja, o que o autor chamou de "elevar o nível conceitual", que é proporcionado pelo meio da ZDP (Zona de desenvolvimento proximal).

Entretanto, o desafio escolar está em como o professor deve orientar seus alunos de maneira que contemple a aprendizagem de todos, inclusive dos que apresentam dificuldade na aprendizagem. Nesse aspecto, é necessário que o docente conheça sua turma e, especialmente, cada aluno, assim como compreender suas especificidades, levando em conta que cada um tem uma maneira distinta para aprender. Independentemente, se o professor tenha ou não alunos com dificuldade de aprendizagem, é fundamental que ele tenha um conhecimento acerca destas concepções e caracterizações. Saravali (2003) disserta a esse respeito, que a tomada de decisão do professor em sala de aula seja apoiada em conhecimento

cientifico e não unicamente em práticas repetitivas que por vezes ignoram as particularidades de cada criança.

A autora citada anteriormente aponta que "[...] um bom professor deve ser também um bom investigador [...]" (SARAVALI, 2003, p. 133). Ter sensibilidade as queixas e comportamentos dos alunos para que o profissional saiba como intervir nos casos de baixo rendimento escolar. Além do mais, algumas perguntas devem fundamentar constantemente a prática educativa, como: porque não aprende? Quais as metodologias podem ser mudadas para alcançar determinado aluno? Quais as causas que estão impedindo ele de aprender? Essas e outras perguntas trarão clareza ao professor, sobre métodos diferentes para ensino e aprendizagem, além de identificar quando o aluno necessita de um acompanhamento mais especifico.

Nessa continuação, em sua pesquisa de doutorado, a autora Saravali (2003, p. 133) diz que "As ações dos professores devem caminhar ao encontro das necessidades dos alunos, necessidades estas relacionadas ao seu desenvolvimento não somente cognitivo, mas afetivo, social e motor." Sendo assim, a mediação, investigação e atenção sócio afetiva são as características principais do educador.

Outro aspecto importante que o professor deve considerar como ferramenta da prática educativa é o que Vigotsky (1999) chama de ZDP e ZDR (Zona de desenvolvimento proximal e Zona de desenvolvimento real). A zona de desenvolvimento proximal é definida como as funções que ainda não amadureceram no aluno, já a zona de desenvolvimento real é determinada pelas funções que já amadureceram, ou seja, conhecimentos já adquiridos pelo sujeito.

Portanto, o papel do professor/mediador frente as dificuldades de aprendizagem é planejar suas ações, tendo em vista o nível em que seus alunos se encontram. A partir de então, delinear suas atividades, visando aquilo que o aluno é capaz de fazer sozinho (ZDR) e intervir nas tarefas em que a criança ainda não consegue desenvolver sem auxílio (ZDP). Segundo Oliveira (2010, p. 63), "É na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros indivíduos é a mais transformadora." Pode-se entender que o nível do desenvolvimento permitirá a intervenção do educador, propiciando a aprendizagem por meio

da troca de saberes. Com isso o aluno sairá do seu nível conceitual atual para a constituição de um novo conhecimento real com fundamentação científica.

5 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

O presente trabalho de pesquisa tem como propósito discorrer sobre o papel pedagógico do professor no acompanhamento das dificuldades de aprendizagem dos alunos em sala de aula. A pesquisa aconteceu em uma escola da rede Pública Estadual de ensino localizada no município de Sombrio/SC

Quanto à abordagem do problema e os objetivos propostos, a pesquisa intitula-se como de natureza básica, sendo qualitativa e descritiva, pois objetiva-se coletar dados para melhor analisar e refletir sobre a prática docente, buscando interpretar e discutir os resultados da pesquisa. Nesse sentido, o intuito é favorecer um olhar mais amplo sobre o assunto investigado, estudando as particularidades de um determinado grupo de professores. Segundo Gil (2002), as pesquisas descritivas e as exploratórias são as mais utilizadas por pesquisadores. "São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc." (GIL, 2002, p. 42).

Com a intenção de coletar dados, a pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com todas as professoras que lecionam no Ensino fundamental do primeiro ao quinto ano no período matutino e vespertino da referente escola, totalizando 6 (seis) docentes. A entrevista aconteceu individualmente, nos horários definido por elas, o roteiro funcionou como ferramenta para dar suporte a análise de dados e para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados em modelo despadronizado. Para Santos e Santos (2010), este modelo de entrevista não é tão rígido, torna-se flexível à medida em que surgir a necessidade de explorar amplamente algumas questões.

5.1 Perfil das entrevistadas

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

Participaram desta pesquisa seis professoras do ensino fundamental (do primeiro ao quinto ano), que atuam na rede estadual de ensino do município de Sombrio – SC. No quadro 1 constam as demais informações sobre o perfil das entrevistadas.

Quadro 1: perfil das professoras entrevistadas

Número de entrevistadas	**Sexo**	**Faixa etária**
6	Todas do sexo feminino	Duas professoras de 28 a 35 anos Duas professoras de 41 a 43 anos Duas professoras de 57 a 59 anos
Tempo de serviço no magistério/vínculo empregatício	**Formação**	**Turmas**
Entre 9 a 16 anos de serviço: quatro entrevistadas Entre 18 a 30 anos de serviço: duas entrevistadas Vínculo empregatício: duas efetivas e quatro professoras do quadro ACT (Admitido em Caráter Temporário)	Todas entrevistadas com formação completa em Pedagogia. Todas com pós-graduação em uma das seguintes áreas: Educação infantil e series iniciais, Gestão Escolar ou Educação Especial	Duas professoras ministrantes do primeiro ano do fundamental. Uma do segundo ano, uma do terceiro ano, uma do quarto ano e uma do quinto ano.

Fonte: Dados de pesquisa (2018)

5.2 Concepções e causas da dificuldade de aprendizagem na visão das professoras

No primeiro momento, com a intenção de contemplar o objetivo específico de conhecer quais as concepções que as professoras entrevistadas possuem sobre o que são as dificuldades de aprendizagem, foram feitos questionamentos para tal levantamento de informações. Dentre as respostas apresentadas, percebeu-se que das seis participantes, apenas uma associou a dificuldade de aprendizagem vinculada a vários fatores, o que estaria de acordo com o que Fernandez (1991) afirma, ou seja, que tanto fatores neurobiológicos, como fatores externos (principalmente em crianças com sua cognição preservada) podem desencadear uma dificuldade de aprendizagem. A autora destaca também que fatores emocionais e ou reativos aos métodos de ensino como propulsores da dificuldade de aprendizagem. "Depende de cada um, tem vários fatores que levam eles a terem dificuldade de aprendizagem. Às vezes é problemas de casa, outros problemas neurológicos e tem outros que tem o ritmo mais lento demora mais para pegar." (PROF. E, 1° ano).

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

As demais professoras entendem que dificuldade de aprendizagem está relacionada a problemas na aquisição da escrita, resolução de cálculos, interpretação de textos, falta de interesse e lentidão. Eis alguns relatos: "Quando o aluno não sabe ler e escrever, alunos que não tem interesse são mais lentos e não participam das atividades." (PROF. C, 3°ano).

> É o aluno que tem tanto dificuldade em português como em matemática, tem um bloqueio e não conseguem entender e interpretar, pegar um enunciado de uma atividade e fazer a interpretação. Na matemática tem dificuldade nas quatro operações e número reserva, muita dificuldade na divisão. Tenho um aluno que não consegue ler nada (PROF. B, 5°ano).

Nota-se que as professoras possuem pouco conhecimento do que de fato são as dificuldades de aprendizagem e os fatores que acarretam esses problemas. Por esse motivo a grande maioria associa problemas de aprendizagem unicamente ao ato de não saber ler e escrever ou ainda não apresentam clareza entre "falta de interesse" e dificuldade para aprender. Os aspectos citados pelas professoras, referem-se mais às causas da dificuldade de aprendizagem do que ao conceito propriamente dito.

Nesse sentido, Saravali (2003) afirma que há uma dificuldade em definir o termo "dificuldade de aprendizagem", devido à diversidade de compreensão sobre o que é e suas respectivas causas. No entanto, percebe-se que o número de alunos com dificuldades de aprendizagem é crescente, e cada vez mais os professores estão rotulando-os e transferindo suas responsabilidades ao psicólogo ou psicopedagogo. "Isso ocorre não somente pelo comodismo ou pela negligência dos educadores, mas também pela falta de (in) formação a respeito das questões referentes às Dificuldades de Aprendizagem [...]" (SAVARALI, 2003, p. 16).

Embora, haja esta limitação conceitual, pelos profissionais da educação, ainda assim, compreende-se que o professor exerce papel ativo na aprendizagem dos alunos, é ele que acompanha cada processo. Por essa razão, é importante conhecer quais os fatores que desencadeiam a dificuldade de aprendizagem e ajudar o aluno vencer suas limitações.

5.3 Tipos de dificuldades de aprendizagem identificados pelo professor

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

Na sequência, a pesquisa coletou dados ilustrativos referente à quantidade de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e quais as especificidades encontradas. Com as informações obtidas, constatou-se que a média em cada turma composta por aproximadamente 22 alunos é de 5 a 7 que apresentam desempenho abaixo do esperado. Notou-se, ainda, que nas turmas do turno matutino há um número maior de alunos com dificuldades na aprendizagem.

Além disso, as seis entrevistadas identificam nesses alunos dificuldades tanto na disciplina de língua portuguesa como em matemática. Os maiores problemas, segundo elas, é a escrita, leitura, interpretação de textos, produção textual, raciocínio lógico da matemática e noções simples das quatro operações. A esse respeito, Semkiv e Silva (2013) denotam que tais disfunções podem ser originadas em função de distúrbios de aprendizagem geralmente provocados por falha na aquisição da leitura, fala, escrita ou raciocino e habilidades matemáticas. Contudo, não é possível saber se tais dificuldades citadas pelas professoras são em função de distúrbios/transtornos de origem neurobiológica ou se por causas diversas como questões emocionais, reação aos métodos de sala de aula, formação inicial (alfabetização), ou até mesmo casos de deficiência onde a criança ainda não recebeu avaliação da área da saúde.

Em função disso, Bossa (2000) acredita que em algumas situações o professor sozinho não consegue encontrar uma melhor maneira de ensinar, necessitando da colaboração das outras áreas do conhecimento como medicina, psicologia e psicopedagogia.

A entrevistada E, inclui o comportamento dos alunos como fator determinante para a não aprendizagem. “Falta de concentração, atenção, eles não conseguem parar e se concentrar para prestar atenção e entender o que o professor está falando, eles estão sempre mexendo em uma coisa.” (PROF. E, 1°ano).

Já a professora C (3° ano) diz que, além dos problemas relacionados à escrita e matemática, outro motivo pelo qual a criança não aprende é a falta da presença dos pais e desinteresse dos alunos. De acordo com Paín (1985, p. 46), “Os problemas de aprendizagem estão frequentemente ligados a perturbações precoces que determinam a inibição dos processos ou o predomínio de um dos momentos sobre o outro, impedindo a integração que possibilita a aprendizagem.” A autora relaciona tais problemas como sintomas apresentados

pela criança, podendo ser causados por fatores ambientais, ou seja, problemas familiares, amigos, escola, metodologia utilizada em sala de aula, entre outros.

É importante que o professor não se acomode ou use tais "problemas" para se redimir de suas responsabilidades. Que problemas familiares e de comportamento impedem o aluno de aprender, isso sabemos, mas existem outros motivos que podem ser solucionados quando o professor tem o olhar atendo às causas da dificuldade.

5.4 Métodos de ensino

Nessa terceira seção de análise, a pesquisa buscou compreender qual a visão das professoras referente ao que deve ser feito com as crianças que apresentam dificuldade na aprendizagem e quais as metodologias utilizadas com esses alunos. Também, buscou-se identificar se tais metodologias buscam agregar novas ações para auxiliar a aprendizagem dos alunos que apresentam D.A.

Quando questionadas sobre o que fazer com esses alunos, a entrevistada D diz que "Primeiro é identificar, segundo como tratar essa dificuldade [...]" (PROF. D, 2°ano), na continuidade, ela salienta que faz jogos e atividades lúdicas. Porém, observou-se na fala da professora uma angústia por não saber se de fato essas atividades contribuem na superação de determinadas dificuldades. Ela acredita que "[...] a atenção, acompanhamento individual o monitoramento e a intervenção do professor são fundamentais nesse processo [...]" Sobre a metodologia utilizada, ela diz que utiliza a mesma metodologia para todos, inclusive afirma não concordar em fazer atividades diferentes, porém intervém nos casos mais específicos.

A entrevistada E relata que faz o parecer, "Tem alunos que temos que fazer um parecer para mandar para APP[5], para eles encaminharem aos pais e os pais levarem para o psicólogo. Quando a gente usa todos os métodos, todos os meios e a criança não conseguiu aprender, então a criança precisa de ajuda." (PROF. E, 1°ano). Quando questionada sobre a metodologia que é utilizada, percebeu-se em sua resposta que esta exerce a prática tradicional no processo de alfabetização, ou seja, a professora utiliza somente do método silábico para o ensino da leitura das palavras.

[5] A sigla APP corresponde a Associação de Pais e Professores.

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

Para Frade (2007), o método silábico é o acesso direto à sílaba e não ao fonema, a principal função a ser analisada pelos alunos é a sílaba, geralmente é apresentada às crianças primeiramente as sílabas simples e depois as sílabas complexas, palavras soltas sem relação com o contexto da escrita. Nesse sentido, Vigotsky (1999) destaca que não basta apenas ensinar a ler e escrever como ato mecânico, mas o processo de escrita deve ter sentido/significado para o aluno.

Já a entrevistada C diz que a única coisa a se fazer com esses alunos é "conversar com os pais sobre o comportamento dos filhos." (PROF. C, 3°ano). Quanto à metodologia, ela diz ter a 2ª professora que o ajuda com esses alunos.

A entrevistada F, mostrou-se preocupada quanto à aprendizagem dos alunos que não conseguem acompanhar a turma. Ela utiliza um caderno de reforço e também conversa com eles separadamente para que não se sintam constrangidos. Além disso, "Utilizo bastante jogos, atividades concretas, saída a campo, maquetes e sempre dou exemplo do cotidiano deles para auxiliar a aprendizagem fazendo que fique mais claro." (PROF. F, 4° ano).

No relato da professora B, observou-se uma defasagem na metodologia. "Faço leitura oralmente, mas gostaria que a escola tivesse laboratório de informática, se tivesse poderia fazer infinitas coisas." (PROF. B, 5°ano). Observa-se uma carência no sentido de diversidade de métodos que contemplem as dificuldades em sala de aula. A entrevistada atribui a falta de métodos unicamente ao fato de a escola não possuir laboratório de informática.

Em relação aos fatores que podem auxiliar a aprendizagem dos alunos, as entrevistadas disseram que trabalhar com jogos, utilizar materiais concretos e recursos tecnológicos contribui para uma aprendizagem significativa. Porém, das seis entrevistadas apenas duas deixaram claro em suas falas que usam diferentes estratégias metodológicas em sala de aula para atender à necessidade desses alunos.

A entrevistada D (2° ano), diz que uns dos fatores que iria auxiliar a aprendizagem seria uma equipe multidisciplinar dentro da escola, que atenda às necessidades dos professores e alunos, pois sozinha a professora não consegue fazer muita coisa. Acrescenta "Nós não dominamos todas as áreas do conhecimento."

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

Bossa (2000) salienta a importância em ter uma equipe multidisciplinar, juntamente com o educador para auxiliá-lo a identificar a causa que impede o aluno de aprender e ajudá-lo a encontrar caminhos de ensino e aprendizagem, que deem condições para que a criança desenvolva suas habilidades.

5.5 Desafios enfrentados pelas professoras no processo de ensino aprendizagem dos alunos com D.A.

Tendo em vista a complexidade de compreender as causas pelas quais as crianças apresentam dificuldade de aprendizagem, as entrevistadas foram questionadas sobre quais são os maiores desafios enfrentados por elas no processo de ensino desses alunos. Dentre as seis pesquisadas, cinco apontam que "o desafio é a família [...]" (PROF. B, 5° ano). A entrevistada C concorda que a ausência dos pais na escola é um grande desafio. Contudo, ela também diz que, "O maior desafio é acelerar o processo, fazendo com que eles passem de ano sem ter noções de escrita e matemática. Eles chegam no 3° ano sem nenhuma noção e com muitas dificuldades, coisas que deveriam ser ensinadas lá no 1° ano." (PROF. C, 3° ano).

A professora B (5° ano) também relatou que o maior desafio enfrentado por ela é a falta de interesse da família: "O desafio é a família, se ela tivesse com a escola, talvez a criança tivesse avançado um pouco." Ela conclui sua fala dizendo que a família e a escola precisam caminhar juntas.

Para Smith e Strick (2001, p. 17), a presença da família é fundamental no desenvolvimento integral da criança. A esse respeito, as autoras esclarecem que: "Muitos estudos têm demonstrado que 'cuidados parentais de qualidade' permitem às crianças crescerem e tornarem-se cidadãos felizes e independentes, mesmo quando a saúde ao nascer e as oportunidades educacionais são notavelmente fracas."

Entretanto, quando se trata das dificuldades enfrentadas em sala de aula, as autoras citadas anteriormente mencionam que algumas mudanças em casa ou no programa educacional da criança ajudam a solucionar o problema.

A entrevistada A, foi a única que se manifestou contra. Para ela, o maior desafio é a falta de informação e capacitação dos profissionais da educação: "Penso que deveria existir mais formação continuada para o professor, para auxiliá-lo em relação a esses alunos com dificuldade de aprendizagem. Acontecem poucas formações continuadas e pouquíssimas direcionadas com o foco especificamente a essa problemática." (PROF. A, 1° ano).

Na maioria das falas, pode-se perceber que o maior contratempo enfrentados pelas professoras é a família. A parceria entre família e escola é fundamental no desenvolvimento do aluno. Os profissionais carecem de informação a respeito do diagnóstico sobre as dificuldades de aprendizagem e os pais também necessitam de apoio e informação. Cabe à escola auxiliar nesse processo, uma vez que as causas desses problemas geralmente são intensificadas na escola.

5.6 Formação continuada específica na dificuldade de aprendizagem

Para concluir, a pesquisa também buscou analisar se as professoras recebem ou receberam formação continuada e quais dessas formações foram específicas para trabalhar com alunos com dificuldade de aprendizagem. A esse respeito, a Professora A (1°ano), diz ter conhecimento sobre o assunto porque na faculdade teve contato com uma disciplina que abordou o tema. Acrescenta dizendo que; "[..] naquela época nós tivemos um ano com a disciplina sobre alunos com dificuldade e transtornos de aprendizagem, mas faz muito tempo, muita coisa já mudou evoluiu." Para ela, o professor deve estar em constante formação.

Ainda que a entrevistada anterior considere a formação continuada importante na formação dos profissionais da educação, ela também se contradiz, pois não menciona nenhuma formação. Reforça dizendo que só na faculdade e que muita coisa já mudou, ou seja, entende-se que ela não buscou ampliar seu conhecimento quanto ao assunto.

Já as professoras B, C e E dizem que não receberam formação continuada, inclusive afirmam faltar formação específica nessa área. "Não. A gente faz mais é outros cursos de continuação." (PROF. B, 5° ano); "Não. Falta formação específica." (PROF. C, 3° ano).

SABERES PEDAGÓGICOS
Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc
ISSN 2526-4559

> A gente vai em vários cursinhos, mas não chega a ser focado nisso, a gente faz aquilo que a gente sabe, o que aprendemos a fazer, porque vamos em busca, pesquisamos o que vamos fazer com aquele aluno, para ver como que ele vai despertar o interesse dele, trazer alguma coisa até uma brincadeira (PROF. E, 1° ano).

A professora D (2° ano) diz que sim, porém não conseguiu relatar quais foram essas formações. Percebeu-se que ficou pensativa diante da pergunta e respondeu "Sim, já fiz alguns cursinhos." Ainda que todas as professoras trabalhem na mesma escola, apenas uma delas respondeu que nas férias de julho tiveram treinamento interno, e o assunto sobre dificuldade de aprendizagem foi discutido por uma psicopedagoga. "Tivemos agora nas férias, uma palestra com uma psicopedagoga e ela deu uma explicação bem geral, mas muito interessante, mas é muito raro." (PROF. F, 4° ano).

Nota-se nas respostas das professoras, que elas não se sentem preparadas para trabalhar com crianças que apresentam DA. Embora, esse seja um assunto pertinente, ainda falta informação para os professores sobre as causas, fatores e diagnósticos da dificuldade de aprendizagem. Esse despreparo dos educadores pode acentuar a dificuldade do aluno. Por esse motivo, é imprescindível os professores terem um olhar atento às crianças que apresentam DA, conhecer seu aluno, rever suas metodologias, buscar estratégias e/ou encaminhamentos necessários para saná-la.

6 CONCLUSÃO

Atualmente, assuntos relacionados às dificuldades de aprendizagem estão em constante discussão por diversos profissionais, uma vez que as causas desse problema não se originam de um único fator determinante, como visto no aprofundamento teórico da pesquisa. Entretanto, no contexto escolar, a ênfase em estudos relacionados a essa problemática ainda é negligenciado.

Na análise dos resultados, foi possível alcançar os objetivos da pesquisa, constatando nas falas das entrevistadas a ausência de formação continuada especificamente para trabalhar com crianças com dificuldade de aprendizagem. Com isso, a prática pedagógica do professor a respeito das causas da dificuldade de aprendizagem, torna-se baseada em conhecimentos sem fundamento científico. O desconhecimento sobre o assunto, acaba

prejudicando o aprendizado dos alunos, pois muitos deles serão "empurrados" para a próxima série sem resolver o problema que afeta sua aprendizagem.

Além disso, durante a entrevista, observou-se uma inquietação por parte das professoras em não saber lidar com os alunos que possuem baixo rendimento. Por isso, acabam transferindo suas responsabilidades e determinam que o motivo pelo qual a criança não aprende está relacionado à família por não acompanhar o aluno nas tarefas de casa, problemas enfrentados pelos familiares, tais como: separação, condição financeira, a escola por não ter uma equipe multidisciplinar e ao aluno que não tem interesse de aprender.

Contudo, as professoras, em nenhum momento, atribuíram a ausência de aprendizagem por fatores metodológicos, muito pelo contrário, a grande maioria enfatizou que trabalha com a mesma metodologia para todos, além de deixar vago sobre os métodos que elas utilizam para auxiliar a aprendizagem das crianças. Nos dados coletados da pesquisa, percebeu-se o despreparo dos profissionais da educação frente a esse problema, sem suporte teórico e prático, pois as professoras não sabem como lidar com esses alunos. Dessa maneira, muitos são "rotulados" como os alunos que "não tem o que fazer".

Retomando a pergunta problema dessa pesquisa, qual o papel pedagógico do professor no acompanhamento de crianças com dificuldade de aprendizagem? O estudo verificou que os professores precisam ter um olhar atento a esses alunos, perceber quando um aluno não vai bem, mudar a prática, perguntar do que ele gosta, conversar, sondar quais as causas estão prejudicando determinado aluno. Essa postura deve ser constante no processo de ensino, o que dará ao professor condições de constatar junto a demais profissionais especializados as causas das dificuldades de aprendizagem sem responsabilizar sempre a família ou a própria criança. Sugere-se a ampliação de pesquisas com esta temática, que gerem publicações acerca da atuação do professor diante das dificuldades de aprendizagem, além de capacitações mais específicas abordando tanto aspectos de prevenção como de intervenção neste contexto.

5 REFERÊNCIAS:

BEZERRA, Marília dos Santos. **Dificuldade de aprendizagem e subjetividade: Para além das representações hegemônicas do aprender.** 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso

de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasilia. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17772/1/2014_MariliadosSantosBezerra.pdf Acesso em: 18/10/2018

BOSSA, Nádia Aparecida. **Dificuldades de aprendizagem:** o que são? como tratá-las? Porto Alegre: Artmed, 2000. 119 p.

DOMINGOS, Gláucia de Ávila**. Dificuldades do processo de aprendizagem.** São Paulo: ESAB, 2007.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada:** abordagem psicopedagógica clínica e sua família. Porto Alegre: Artmed, 1991. 261 p.

FONSECA, Vítor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2 eds. rev. e aum. Porto Alegre: Artmed, 1995. 388 p.

FONTANA, Roseli A. Cação; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Ed. Atual, 1997. 232 p.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização:** perspectivas históricas e desafios atuais, Santa Maria, v. 32 - n. 01, p. 21-40, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/658 Acesso em: 29/09/2018

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LUCENA, Rita. **Disfasia do Desenvolvimento**. 2009. Disponível em: http://rita-lucena.blogspot.com/2009/08/disfasia-do-desenvolvimento.html Acesso em: 17/09/2018

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2010. 112 p.

_____. O pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre a educação. **Cadernos Cedes**, n°. 35. Campinas: Papirus, 1995.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1985. 86 p.

PAPALIA, Diane E. FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Artmed, Porto Alegre, 2013. 793p.

PEREIRA, Josiane Eugênio. **História, memória e educação: infâncias de pessoas com deficiência mental/intelectual (MARACAJÁ-SC, 1955-1970). 2013. 170 f. Dissertação**

(Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, 2013.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança.** 7 ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999. 282 p.

RODRIGUES, Sônia das Dores e CIASCA, Sylvia Maria.Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. ***Rev. psicopedag***. [online]. 2016, vol.33, n.100, pp. 86-97. ISSN 0103-8486. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n100/10.pdf Acesso em: 18/10/2018

SANTA CATARINA. Governo do Estado. **Proposta curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica. Estado de Santa Catarina, Secretaria do Estado de Educação, 2014. 192 p.

SANTOS, Maria de Fátima Ribeiro dos; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. **Metodologia da pesquisa em educação.** São Luís: UemaNet, 2010. 67 p.

SARAVALI, Eliane Giachetto. **Dificuldades de aprendizagem e interação social.** 2003. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, Campinas. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252891 Acesso em: 29/09/2018

SEMKIV, Silvia Iris Afonso Lopes; SILVA, Cleide Ferreira, Um estudo sobre os distúrbios e dificuldades de aprendizagem na perspectiva da avaliação psicoeducacional num município de pequeno porte do estado do paraná. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EDUCERE, 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: 2013. p. 29587- 29599. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7657_5028.pdf Acesso em: 18/10/2018

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldade de aprendizagem de A a Z: um guia complete para pais e ducadores.** Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2001. 332 p.

SOUSA, Carlos H. G. **Pessoa com deficiência intelectual:** desafio para inclusão nas empresas de grande porte do Pólo Industrial de Manaus/AM. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18139/18139_3.PDF> Acesso em: 18/09/2018

TEDDE, Samantha. **Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão.** 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana. Disponível em: < https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Samantha-T%C3%A9dde.pdf Acesso em: 18/10/2018

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Traduzido por Michael Cole. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 191 p. (Psicologia e pedagogia). ISBN 8533608187 (broch.).

_____. **Pensamento e linguagem.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 194 p. (Psicologia e pedagogia).